

mente, a cada "desmascaramento", por subterfúgios, interpretações e invenções cada vez mais audaciosas.

É verdade que tais asserções não admitem prova positiva alguma; mas, em compensação, é impossível refutá-las. O caráter verídico da ilusão, que não se baseia na experiência exterior, nunca pode ser abalado por observações empíricas externas. A ilusão auto-sugestionada possui uma verdade interna, metafísica.

Sempre que uma realidade nua e dura se apaga dentro da nuvem amável da ilusão, o sonho dos homens, nascido do medo primitivo, marca uma vitória sobre a realidade hostil. É, de cada vez, mais uma prova de que a fantasia se torna a impor contra a superioridade esmagadora da Necessidade e a vencer a trágica herança do Medo. Estendendo suas raízes nas camadas indestrutíveis da consciência, a força do Lôgro nunca enfraquece, enquanto permanecer viva a ânsia pela segurança, pela felicidade e pela salvação. Assim, torna sempre a confirmar-se aquela "onipotência das idéias", graças a cujo auxílio o homem primitivo já se sabia defender com sucesso dos horrores da existência.

Ulysses é o primeiro homem que nos é pintado como um mentiroso astuto e um hábil falsário. Homero, que nos conta o nascimento da mentira, esta segunda nascença do espírito humano, nos faz pressentir que Ulysses por esse meio recebera dos Deuses um precioso dom. Com efeito, Atenas, a protetora do espírito, que saiu da cabeça de Zeus, acha infinita graça na inesgotável fertilidade mentirosa do seu herói favorito.

O próprio Goethe disse das lendas heróicas da tradição romana: se os Romanos tiveram bastante grandeza para inventar tais coisas, deveríamos "ao menos ter bastante grandeza para acreditar nelas". Em palavras ásperas, censura essa pedantesca crítica que, "por motivo duma verdade mesquinha, nos priva de algo de grandioso, que nos seria de maior proveito".

De fato, a auto-sugestão das massas é dotada duma força criadora misteriosa: forma, plasma e, enfim, cria novas realidades. O desejo de ilusão constitui uma função biológica do homem e representa, por consequência, um fator importante na constituição do nosso mundo. Com efeito, esse mundo não é, de modo algum, mero resultado de fenômenos materiais e sim, em boa parte também, obra de nossas angústias bem como dos desejos, das esperanças e das ilusões que nelas tiveram sua origem.



J. P. Marat.  
(Desenho do natural por G. Boze).



Danton.  
(Gravado por Delpech).